

Perspectivas Globais e Principais Factores de Risco

	Perspectivas Globais	Factores de Risco
Global	<p>. A economia global continua a evidenciar um crescimento robusto, beneficiando da atenuação de alguns factores de ordem política (sobretudo na Europa, embora espere novas tensões geoestratégicas globais), de condições financeiras muito acomodáticas nos blocos desenvolvidos e da retoma do comércio internacional. Destacam-se pela positiva as economias europeias – desenvolvidas e emergentes – e também os países asiáticos, regiões onde o crescimento esperado para 2017 tem sido revisto genericamente em alta. A Zona Euro destaca-se favoravelmente, devendo o ritmo de crescimento este ano alcançar o patamar mais alto da década, 2.2%.</p> <p>. Entretanto, o FMI ajustou em baixa as projecções para o PIB nos EUA em resposta à turbulência política e aparente incapacidade da nova Administração de implementar o prometido estímulo orçamental, antecipando agora um crescimento pouco acima de 2% este ano e em 2018 (2.3% e 2.5% antes), tal como já tinha sido sinalizado em análises anteriores. Esta recalibragem das expectativas regionais permitiu manter a previsão de expansão da economia mundial em 3.5% este ano, sem alterações face às projecções de Abril, acima dos valores registados em 2015 e 2016 (3.4% e 3.2%, respectivamente).</p> <p>. O ritmo de crescimento dos preços tem vindo a normalizar nos países desenvolvidos, mas aquém do desejado pelas autoridades monetárias. No actual contexto, os movimentos cambiais e o andamento dos preços das <i>commodities</i> energéticas, assumem particular relevo.</p>	<p>. Os riscos para o cenário central estão actualmente mais equilibrados, mas pontuam ainda alguns factores negativos:</p> <p>. Brexit - consequências poderão ser mais gravosas se o processo conduzir ao reforço dos níveis de protecção. Até à conclusão do processo, agendado para início de 2019, a incerteza e o ruído político intensificar-se-ão, com consequências possivelmente mais notórias a partir de 2018.</p> <p>. Eleições na Europa - Alemanha (Setembro) e possibilidade de convocação de eleições antecipadas em Itália, onde o partido populista 5 Estrelas poderá ganhar maior visibilidade. Em causa estará sobretudo o suporte ao projecto europeu.</p> <p>. Sector bancário - apresenta-se ainda frágil, com destaque para Itália e Portugal, embora a nível doméstico se tenham registado progressos notórios nos últimos meses;</p> <p>. China - abrandamento pode surpreender, dados alguns desequilíbrios (endividamento interno, em particular das entidades públicas locais e recurso a <i>shadow-banking</i>)</p> <p>. Economias emergentes - o processo de normalização dos juros nos EUA poderá despoletar ajustamentos mais fortes nestas economias, estimulando fuga de capitais; possibilidade de nova queda dos preços de algumas <i>commodities</i>.</p>
EUA	<p>. A situação política nos EUA tem suscitado alguma preocupação e incerteza, destacando-se alguns factores: possibilidade de <i>shutdown</i>, embora adiada até final do ano; a ausência de medidas de política fiscal e de obras públicas estruturantes prometidas; ao que acrescem factores conjunturais, relacionados com o clima extremo em algumas regiões (furação Harvey).</p> <p>. O PIB aumentou à taxa anual de 3.0% no 2ºT2017, de acordo com a 2ª estimativa oficial. A revisão em alta do ritmo de actividade de 2.6%, indicado previamente, resultou dos gastos mais robustos dos consumidores, bem como do maior investimento das empresas. O crescimento no 2ºT2017 foi o mais forte desde o 1º trimestre de 2015 e suplanta a taxa de 1.2% alcançada no 1ºT2017. Os analistas aguardavam por um crescimento de 2.7%.</p> <p>. Os dados relativos ao mercado de trabalho de Agosto foram ligeiramente inferiores ao esperado pelos analistas. Ainda assim, em Agosto foram criados 156 mil novos empregos (o valor de Julho foi revisto de 209 para 189 mil) e a taxa de desemprego passou de 4.3% para 4.4%, não deixando de ser o nível mais baixo dos últimos anos. Estes valores continuam a confirmar um mercado de trabalho forte que reflecte o actual dinamismo económico.</p>	<p>. Protecção - O seu aumento poderá repercutir-se negativamente sob o crescimento americano, sendo bastante provável que medidas concretas tenham uma resposta de retaliação por parte dos países visados.</p> <p>. Estímulo orçamental - Em contrapartida, os planos de baixa de impostos e construção de infra-estruturas do presidente Republicano poderão propiciar um maior ritmo de crescimento à economia americana, embora este cenário seja possível de contestar pela falta de folga no mercado de trabalho - pelo contrário, as políticas de expansão poderão ser meramente inflacionistas, sem muito efeito no crescimento económico. Além disso, há um risco negativo, embora porventura não simétrico, de potencial de desilusão face à incapacidade de aplicação das políticas desejadas por parte da Administração.</p> <p>. Fed - Potencial instabilidade associada à alteração do ciclo de política monetária poderá gerar incerteza nos mercados financeiros, com impacto adverso sob os níveis de confiança e actividade.</p>
Japão	<p>. O FMI espera que a economia cresça 1.3% este ano, tirando partido de melhorias no comércio internacional e política fiscal expansionista. Todavia, considera que o país terá de desenvolver reformas que respondam ao envelhecimento da população e ao estreitamento da força laboral. Os aspectos prioritários referidos pelo FMI são: coordenação das políticas monetária, fiscal e remuneratória de forma a favorecer o crescimento económico; reforma do mercado de trabalho, eliminando entraves ao investimento, produtividade e revisões salariais; criação de planos de médio prazo no campo da política fiscal, contribuindo para a melhoria dos indicadores de confiança; reforma do sector financeiro que permita fazer face à actual situação demográfica do país e ao ambiente de baixas taxas de juro. Para 2018, as previsões do FMI são de abrandamento do ritmo de expansão do PIB para 0.6%.</p>	<p>. Os riscos são nos dois sentidos, mas mais enviesados em sentido descendente. Instabilidade geopolítica poderá reflectir-se em movimentos de fuga para a qualidade com efeitos na apreciação do iene e deterioração das exportações; turbulência nos mercados financeiros ou desequilíbrios na economia chinesa poderão também afectar a economia nipónica. Em sentido positivo, salienta-se a pujança da procura global e a possibilidade de prolongamento da política fiscal expansionista em 2018.</p>
Reino Unido	<p>. A Comissão Europeia estima que a economia avance 1.8% este ano, reflectindo um menor crescimento do consumo privado num ambiente de inflação mais elevada e crescimento de salários mais baixo. Também o investimento deverá quase estagnar durante o ano, reflectindo ambiente de maior incerteza. O menor contributo da procura interna será compensado pelo melhor desempenho da procura externa, que beneficiará do menor crescimento das importações e bom comportamento das exportações num ambiente de procura global mais forte e libra mais fraca.</p> <p>. A 2ª estimativa para o crescimento do PIB no 2ºT17 foi revista para 0.3% qoq, beneficiando do comportamento do sector dos serviços que avançou 0.5%. Na óptica da despesa, o crescimento foi influenciado pelo aumento do consumo e investimento públicos; por seu turno o investimento privado e o consumo privado desaceleraram para 0.0% e 0.1% qoq, respectivamente.</p>	<p>. Brexit - As perspectivas apresentam-se enviesadas em sentido negativo, reflectindo os efeitos associados à negociação da saída do Reino Unido da União Europeia.</p>

Perspectivas Globais e Principais Factores de Risco (cont.)

	Perspectivas Globais	Factores de Risco
Zona Euro	<p>. O indicador de sentimento económico atingiu o valor mais alto dos últimos anos. O índice que mede a confiança dos consumidores em vários sectores da economia chegou ao recorde da década com uma subida de 0.6%, dos 111.3 do mês passado para os 111.9 em Agosto. Já a confiança dos consumidores permaneceu praticamente inalterada este mês, com uma pequena subida de 0.2%, reflectindo a visão mais optimista das famílias sobre a sua situação financeira futura e respectiva expectativa de poupança. Entretanto, foi confirmado o índice PMI para a indústria transformadora, fixado em 57.4 em Agosto (56.6 em Julho), o valor mais alto em mais de 6 anos.</p> <p>. No que respeita à inflação, verificou-se uma aceleração em Agosto, tendo os preços no consumidor subido para 1.5% (1.3% em Julho), em termos homólogos. Ainda assim, a inflação subjacente (que não contempla os preços da alimentação e da energia), a mais observada pelo Banco Central Europeu (BCE), manteve-se nos 1.3%, a mesma taxa do mês anterior. A puxar pelos preços do bloco do euro estiveram sobretudo os preços da energia, que subiram 4%, influenciando largamente a taxa de inflação global. O Eurostat também indicou que a taxa de desemprego na Zona do euro foi de 9.1% em Julho, o mesmo valor que em Junho, permanecendo no nível mais baixo desde Fevereiro de 2009.</p>	<p>. Questões de ordem política interna: eventual incerteza política na Europa, em linha com a possibilidade de eleições antecipadas em Itália; possibilidade de alastramento do apoio a movimentos mais extremistas e isolacionistas; eleições na Alemanha (24 de Setembro); negociações e efeitos do referendo britânico.</p> <p>. Factores de incerteza global: Administração Trump; normalização monetária nos EUA; desaceleração da actividade económica na China; instabilidade política na Turquia; conflito EUA-Coreia do Norte.</p> <p>. Questão dos refugiados.</p> <p>. Intensificar das preocupações relativas à segurança.</p> <p>. Adiamento na resolução de questões relacionadas com o sector bancário.</p> <p>. Eventual início do processo de retirada dos estímulos do BCE, com impacto nos mercados de dívida soberana.</p> <p>. Pela positiva: efeitos do programa do QE.</p>
Portugal	<p>. Ajustámos em baixa ligeira a previsão de crescimento do PIB para 2017 em -0.1 p.p para +2.7%, mantendo a previsão para 2018: +2.2%. Esta alteração ficou a dever-se ao menor crescimento face ao esperado no 2T, 0.3% face à previsão de +0.5%. O cenário macro para Portugal reflecte sobretudo perspectivas para as exportações e investimento robustas, em linha com o cenário para a procura externa dirigida à economia portuguesa, antecipando-se a manutenção de uma trajectória de reforço moderado do consumo privado, em linha com o andamento do PIB.</p> <p>. Os indicadores de actividade e de sentimento de alta frequência continuam a apontar para crescimento robusto no terceiro trimestre embora seja de antecipar desaceleração na comparação homóloga, sobretudo por efeitos de base.</p> <p>. Consumo privado – Suportado pelo bom momento no mercado de trabalho (aumento da taxa de emprego), aceleração pouco acentuada dos preços ao consumidor e evolução positiva do rendimento disponível, beneficiando da gradual redução da sobretaxa de IRS.</p> <p>. Investimento - A redução da incerteza política e o andamento favorável do sentimento dos empresários, transversal a todos os sectores, fazem prever uma expansão significativa da FBCF, impulsionado também por efeitos de base tendo em conta os mínimos alcançados em 2016.</p> <p>. Exportações - A recuperação cíclica na Europa, destacando-se Espanha, e a retoma do comércio internacional, bem como ganhos de quota de mercado, têm suportado as vendas ao exterior, sugerindo uma evolução sustentada. O principal risco para este cenário advém sobretudo do andamento das economias externas, cujas perspectivas se mantêm por ora favoráveis."</p>	<p>. Tapering pelo BCE - O risco mais premente prende-se com uma futura redução dos estímulos do BCE em termos de compras de dívida pública, que poderá implicar uma degradação da avaliação do risco da dívida portuguesa, com implicações nos gastos em juros, mas também na dinâmica da economia, com particular incidência no investimento. Estima-se que as aquisições de dívida pelo BCE tenham representado cerca de 38% das colocações de nova dívida pelo Estado, em 2017, até Julho.</p> <p>. Envolvente externa - A envolvente financeira global pode deteriorar-se e regressar um ambiente de maior aversão ao risco, com potenciais implicações negativas nos custos de financiamento do Tesouro português e das empresas nacionais. Recorde-se que as necessidades de financiamento públicas permanecem avultadas.</p> <p>. Pela positiva - Uma eventual alteração da notação de <i>rating</i> teria um efeito propulsor significativo, na medida em que permitiria a ancoragem dos custos de financiamento em níveis mais confortáveis. Depois da melhoria do <i>outlook</i> pela Fitch e Moody's, a probabilidade de uma melhoria do mesmo pela S&P aumentou, atendendo igualmente à redução de desequilíbrios (menor dívida das famílias, resolução dos problemas na banca, excedente externo sustentado, superavit público primário, maior robustez no crescimento económico).</p>
América Latina	<p>. O FMI espera que a economia da região avance 1.1% e 2% em 2017 e 2018, respectivamente. Os cenários traçados estão sujeitos a elevado grau de incerteza, estando os riscos especialmente enviesados em sentido descendente.</p> <p>. Brasil - O FMI antecipa um crescimento de 0.2% e 1.7% em 2017 e 2018, respectivamente, beneficiando da recuperação do preço de algumas matérias-primas, nomeadamente soja e do minério de ferro. O comportamento mais benigno da inflação também terá um impacto positivo no rendimento disponível das famílias, favorecendo o consumo. Os cenários traçados estão sujeitos a elevado grau de incerteza, estando os riscos especialmente enviesados em sentido descendente.</p> <p>. No Brasil destaca-se que o PIB cresceu 0.2% qoq no 2T e a melhoria dos indicadores de actividade no sector industrial; a produção industrial aumentou 0.8% mom e 2.5% yoy em Julho, beneficiando de melhorias na produção de bens de capital, sugerindo que o investimento irá manter tendência de recuperação.</p>	<p>. O Brexit poderá influenciar negativamente, via queda da confiança dos agentes económicos.</p> <p>. Política monetária de suporte - Pela positiva destaca-se o ciclo de redução das taxas de juro de referência no Brasil, atribuindo-se alguma probabilidade que se revele mais forte do que antecipado inicialmente.</p>
África Subsariana	<p>. Economia em 2017 - Tendo em consideração as projecções económicas para as duas principais economias (Nigéria e África do Sul que, no conjunto, têm um peso de cerca de 50% do PIB da região), o FMI reviu ligeiramente em alta o crescimento na África Subsariana em 2017, em 0.1 p.p. face a Abril, para 2.7%. Ainda assim, este ritmo de crescimento mascara dinâmicas de crescimento distintas, reflectindo estruturas diferenciadas da economia dos vários países da região subsariana (exportadores vs. importadores de petróleo; intensivos em recursos naturais vs. não intensivos).</p> <p>. Angola, por seu lado, continua a adaptar-se com alguma dificuldade ao cenário de preços do petróleo relativamente mais baixos, com efeitos nefastos para a economia não-petrolífera resultantes da escassez de receitas. Reflexo desses efeitos da diminuição dos preços do petróleo tem sido a evolução das reservas internacionais líquidas, que atingiram USD 17.5 mil milhões em Julho. O FMI projecta uma taxa de crescimento do PIB de 1.3% em 2017, após uma estagnação em 2016.</p>	<p>. Ajustamento face à nova normalidade de preços baixos das commodities - No caso dos países exportadores e produtores de matérias-primas, a actividade económica deverá ser ainda afectada pela necessidade de medidas mais restritivas ao nível fiscal.</p> <p>. China - Ritmo e implicações do ajustamento do modelo de crescimento económico chinês; lento crescimento económico em economias avançadas.</p> <p>. Clima - Possibilidade de condições climáticas adversas.</p> <p>. Possibilidade de aumento da aversão global ao risco e turbulência nos mercados financeiros.</p> <p>. Fed - Aumento das taxas de juro nos EUA e fuga de capitais da região.</p> <p>. Ameaça de actividades extremistas, como o terrorismo.</p>

Mercado Financeiro - Principais tendências e factores de risco

Principais tendências	Factores de Risco
<p>Mercado Cambial</p> <ul style="list-style-type: none"> . USD & EUR - O mercado tem vindo a apostar na tendência de depreciação do dólar face ao euro, dando relevo às expectativas económicas positivas e de redução dos estímulos monetários na Zona Euro, para além do desapontamento com a capacidade de implementação de política económica por parte da Administração Trump. Existe um enviesamento do sentimento de mercado em desfavor do dólar e contrariar este sentimento será para já difícil. A consolidação de subida do EUR/USD colocou-o entre o patamar 1.19 e 1.20 (existe uma importante área de resistência acima de 1.20). . CHF & GBP - O CHF sofreu um importante movimento de depreciação que trouxe o EUR/CHF de 1.10 para 1.15. É sabido que a autoridade monetária helvética chamou a si, nos últimos anos, a prerrogativa de intervir sempre que achar necessário e desejável no mercado cambial, de modo a contrariar possíveis pressões de apreciação da moeda. Assim, o mercado terá de incorporar que 1.15 é agora a nova referência. A GBP mostra debilidade não só porque o processo de Brexit está rodeado de incerteza e tarda em avançar, como devido a notícias económicas menos favoráveis e ao facto do Banco de Inglaterra manter inalterada a sua política monetária. Assim, é provável que o EUR/GBP varie entre 0.91 e 0.93, no curto/médio prazo. 	<ul style="list-style-type: none"> . Desilusão relativamente a atitudes e acções esperadas pelos principais bancos centrais. . Decepção ou surpresas positivas com a evolução económica em alguns blocos. . Questões políticas e geopolíticas podem enviesar determinadas tendências cambiais. . O Brexit deverá ter consequências mais vastas (e incertas) para além do espaço do Reino Unido, embora o processo se mostre longo e imprevisível. . A política da Administração Trump acarreta incerteza. . Colocam-se ainda questões ao nível do crescimento mundial, do comércio, da evolução da inflação, do comportamento dos preços das matérias-primas, etc.. . Os recentes ensaios nucleares efectuados pela Coreia do Norte estão a gerar um clima de grande incerteza à escala mundial.
<p>Mercado Monetário</p> <ul style="list-style-type: none"> . BCE - As taxas directoras não se alterarão ao longo de 2017, pelo que atribuímos uma elevada probabilidade a que as taxas de mercado se mantenham em terreno negativo durante o ano. As taxas de juro implícitas nos futuros da Euribor a 3 meses apontam para que estas se situem em torno de -0.30% no final de 2017. . Fed - na reunião de Junho aumentou em 25 p.b., para 1-1.25%, o intervalo da taxa dos <i>fed-funds</i>, que se situa em 1-1.25%; até ao final do ano poderá ocorrer mais uma subida de 25 pontos base, concretamente no FOMC de Dezembro. Mas a este movimento o mercado está a atribuir agora menor probabilidade. . Entre Setembro e Outubro esperam-se novidades quanto às medidas não convencionais, sendo que a Fed deverá anunciar o início da redução gradual do seu balanço através da diminuição dos reinvestimentos de Treasuries e MBS; e o BCE poderá anunciar ajustes ao programa de compra de activos de longo prazo e respectivo calendário, incluindo a possibilidade de redução do montante mensal de compras de dívida pública (facto que deverá decorrer ao longo de 2018). 	<ul style="list-style-type: none"> . Na zona euro, as taxas de curto prazo encontram-se em terreno negativo em todos os prazos, mantendo-se a tendência de estabilização. O risco de um aumento substancial não esperado das taxas de mercado é reduzido. . Nos EUA, a expectativa de um terceiro aumento da taxa directora ainda este ano tem vindo a perder força.
<p>Dívida Pública</p> <ul style="list-style-type: none"> . Dívida benchmark - As <i>yields</i> dos títulos de referência mantêm a tendência de queda observada desde Julho. Incerteza quanto ao andamento da economia norte-americana será o principal factor por detrás do movimento de queda do UST 10 anos, contagiando o mercado europeu, cuja solidez da economia justificaria o posicionamento da <i>yield</i> do <i>Bund</i> a 10 anos num nível superior ao observado. Os factores fundamentais continuam a suportar um cenário de perda de valor no mercado de taxa fixa, mas é preciso que este cenário ganhe tracção. Para já mantemos as previsões para o final do ano em torno de 2.5% no caso do UST 10 anos e em torno de 0.60%-0.65% no caso do <i>Bund</i> 10 anos. . Mercados periféricos - O ambiente de menor aversão ao risco e baixos níveis de rentabilidade continuam a reflectir-se em maior apetência pela tomada de risco, favorecendo o recuo das <i>yields</i> dos países da periferia do euro, com destaque para a dívida portuguesa que continua abaixo de 3.0%, beneficiando de mais uma melhoria nas perspectivas de evolução da classificação da qualidade do risco. Com efeito, a Moodys reviu para positivo o <i>outlook</i> de Portugal. 	<ul style="list-style-type: none"> . Existem riscos em ambos os sentidos: no curto prazo estes estão enviesados no sentido de subida de preços, reflectindo tensões geopolíticas; mas no médio prazo continuam a estar enviesados no sentido de queda dos preços dos títulos de taxa fixa superior ao esperado, dadas as boas perspectivas de crescimento a nível mundial, com destaque para a zona euro. . Nos países da periferia a possibilidade de agravamento dos prémios de risco exigidos mantém-se, sobretudo se se observar algum evento desfavorável inesperado, nomeadamente no sector financeiro. Em Portugal e nos países periféricos mais vulneráveis, a redução esperada das compras pelo BCE poderá reflectir-se no agravamento do prémio de risco. Os países com maiores necessidades de financiamento do sector público, tidos como mais vulneráveis estruturalmente, continuam sujeitos e dependentes do grau de aversão ao risco nos mercados financeiros internacionais.
<p>Acções</p> <ul style="list-style-type: none"> . As bolsas europeias aproximaram-se dos máximos de 2015, considerando as expectativas de que a dinâmica da actividade económica pode surpreender este ano; ao mesmo tempo, os mercados bolsistas europeus parecem beneficiar do cenário de menores riscos políticos, especialmente após a vitória de Macron nas presidenciais francesas, reflectido também nos indicadores de volatilidade. Contudo, apesar do momento positivo, há factores que podem contribuir para movimentos de correcção. . A performance americana está condicionada pelas expectativas em torno do plano económico de Trump, que parece assentar no investimento em infra-estruturas, na expansão fiscal, diminuição dos impostos sob as empresas e alívio da regulação. Os sectores mais tradicionais estão ser os mais beneficiados, incluindo indústria mineira e serviços financeiros. . Recentemente têm vindo a intensificar-se os receios relativamente ao grau de alavancagem real do sector empresarial norte-americano, receios que, caso se intensifiquem, poderão originar uma correcção no mercado bolsista. 	<ul style="list-style-type: none"> . O processo de normalização da política monetária por parte da Fed num contexto de alavancagem significativa em alguns sectores, pode levar os investidores a afastarem-se para outros mercados. . Questões políticas e geopolíticas, com destaque para a incerteza política nalguns países europeus, nomeadamente o processo de negociação da saída do Reino Unido da União Europeia. Recentemente, a afirmação da Coreia do Norte como potência nuclear está a gerar preocupação a nível mundial. Estas questões podem aumentar a volatilidade e a aversão ao risco. . Desenvolvimentos no sector bancário europeu. . Desaceleração económica na China. . Actuação dos bancos centrais mundiais. . Perspectivas positivas para os resultados empresariais. . Cenário de novas quedas dos preços das matérias-primas.

Mercado Financeiro - Principais tendências e factores de risco

	Principais tendências	Factores de Risco
Commodities	<ul style="list-style-type: none">. A perspectiva é de consolidação da recuperação dos preços, suportada no reforço da actividade dos principais blocos económicos, que deverão ver normalizado o seu crescimento, num contexto de maior equilíbrio financeiro, mais inflação e mais comércio. É de contar ainda com a correcção da oferta sentida nalguns produtos, nomeadamente no mercado da energia.. No mercado do petróleo, os preços mais estáveis foram alcançados através do acordo efectuado entre os países da OPEP mais a Rússia com vista à redução da produção diária. Acordo que foi prolongado até Março de 2018. Tudo aponta para um maior equilíbrio entre oferta e procura.. O aumento das expectativas de mais inflação pode inverter o interesse dos investidores e fazer regressar a procura em ouro, nomeadamente ou nível de operações de carácter mais especulativo.. Também os preços dos produtos agrícolas estão sujeitos ao regresso dos especuladores, caso se comece a desenhar uma tendência de subida dos preços.	<ul style="list-style-type: none">. O maior ou menor impulso económico nos EUA e a situação económica da China, num processo de grande transformação, são de grande relevância para a totalidade dos mercados de matérias-primas dado o seu importante papel como produtores e consumidores.. A eficácia do acordo conseguido entre os membros da OPEP mais a Rússia, com vista à redução da produção para níveis mais próximos da procura, não está ainda comprovada (existem dúvidas por parte do mercado).. A tensão provocada pelos testes nucleares da Coreia do Norte configura-se o factor geopolítico mais significativo, com consequências imprevisíveis.. No Reino Unido, o Brexit acrescentou incerteza e indefinição aos mercados.